

Adolescentes e álcool

Estudo do comportamento de consumo de álcool na adolescência

ISABEL TRINDADE ()*

RITA CORREIA ()*

1. INTRODUÇÃO

Os adolescentes bebem por inúmeras razões e o beber pode levar, por vezes, ao abuso e à dependência de álcool.

O consumo excessivo de álcool nos jovens, à semelhança do que acontece com as populações adultas, é responsável por diversos problemas, não só ao nível da saúde, como também ao nível socio-cultural (por exemplo, do rendimento escolar e da adaptação social).

O consumo de álcool, para além de poder influenciar de forma directa, a médio e a longo prazos, a saúde física e mental, pode relacionar-se, a curto prazo, com a diminuição do rendimento escolar e com comportamentos de risco para a saúde (nomeadamente no âmbito de comportamentos sexuais de risco e de comportamentos de risco na condução de veículos motorizados).

O domínio dos estudos sobre o álcool não é uma área nova da investigação psicológica. Nos

últimos 50 anos tem sido elaborada uma vasta literatura sobre o alcoolismo. Todavia, só mais recentemente é que se tem manifestado um interesse crescente pelo consumo excessivo de álcool na adolescência. Este interesse não se pode dissociar do facto de, no nosso país, tal como acontece em muitos outros, professores e educadores referirem que os adolescentes consomem álcool com cada vez maior frequência. Sendo assim, parece-nos ser de toda a importância o debruçar sobre este tema, incluído num dos variados temas das acções de educação para a saúde que, no âmbito de Saúde Escolar, foram desenvolvidos no Centro de Saúde da Parede, em colaboração com o ISPA, no ano lectivo de 1995/96, e cujo fim último é a intervenção e a prevenção. Tendo em conta que para a prevenção ser eficaz é essencial conhecer-se a população a que se pretende dirigir, o estudo que apresentamos não é mais que uma primeira fase de um trabalho mais vasto que actualmente ainda decorre no Centro de Saúde da Parede.

Uma vez que uma parte significativa dos trabalhos que se debruçaram sobre este tema destacam o papel que certos factores da personalidade

(*) Consulta de Psicologia, Centro de Saúde da Parede.

desempenham no uso imoderado de álcool, especificamente, ansiedade, vulnerabilidade ao stress, baixa auto-estima e expectativas face aos efeitos do álcool figuram entre as variáveis que parecem exercer uma influência mais determinante no desenvolvimento de padrões de consumo excessivo, nesta primeira fase de um estudo mais alargado os objectivos gerais foram: fazer uma avaliação da situação sobre comportamentos de consumo de álcool dos alunos dos 10.^º e 11.^º anos de escolaridade numa escola da zona e estudar, simultaneamente, a influência das variáveis psicológicas acima referidas sobre esse consumo.

2. METODOLOGIA

2.1. Amostra

A nossa amostra foi constituída por *110 estudantes* que frequentavam os *10.^º e o 11.^º anos* e que tinham idades compreendidas entre os *14 e os 19 anos*.

A percentagem de estudantes do *sexo masculino* é de *41%*, sendo *59%* a percentagem dos alunos do *sexo feminino*.

Relativamente à *idade* e conforme se pode verificar no Quadro 1 a maioria dos sujeitos situa-se nas idades dos *15 (33.7%)* e *16 anos (33.7%)*, com o mesmo número de sujeitos (37) para cada

grupo, seguindo-se o grupo dos 17 anos, depois o dos 18 anos e, por último, o dos 14 e 19 anos.

2.2. Variáveis

Tendo este trabalho o objectivo de verificar a existência de uma relação, e de analisar a natureza dessa relação, entre algumas variáveis e o consumo de álcool na adolescência foram seleccionadas as seguintes *variáveis*:

- Consumo de álcool
- Auto-estima
- Ansiedade
- Expectativas face aos efeitos do álcool.

Tanto a auto-estima (Kaplan, 1977; Hull, Young & Jourilles, 1986; Silbereisen & Eyferth, 1986; Eskilson *et al.*, 1986; Thompson, 1989) como a ansiedade (Mitic *et al.*, 1987, citados por Lowe, Foxcroft & Sibley, 1993; Sarafino 1990) parecem ser as variáveis psicológicas que mais se relacionam com um consumo excessivo de álcool na literatura sobre o tema. A inclusão das expectativas entre os factores relacionados e/ou explicativos do consumo de álcool na adolescência resulta da evidência cada vez mais consistente de que não são só os factores fisiológicos que determinam os efeitos comportamentais do álcool mas também são os factores cognitivos (Brown, 1985; Christiansen *et al.*, 1982; Rohsenow, 1983).

QUADRO 1
Amostra de sujeitos observados segundo a idade e o sexo
(entre parêntesis indicam-se as respectivas percentagens)

Sexo	Idade						Total
	14	15	16	17	18	19	
Masculino	1(0,9)	17(15,5)	10(9,1)	10(9,1)	6(5,5)	0	45(41)
Feminino	2(1,8)	20(18,2)	27(24,6)	8(7,2)	8(7,2)	1(0,9)	65(59)
Total	3(2,7)	37(33,7)	37(33,7)	18(16,3)	14(12,7)	1(0,9)	110(100)

2.3. Instrumentos

Os *instrumentos* de avaliação que operacionalizaram estas variáveis foram:

- **Questionário de Consumo de Álcool**, baseado no questionário de Lowe, Foxcroft & Sibley (1993). É constituído por três questões que avaliam a frequência do uso de álcool, a quantidade de álcool habitualmente ingerido e a quantidade de álcool ingerida na semana prévia à aplicação do questionário.

A frequência do uso é indicada por uma das quatro respostas que vão desde «Não bebe» até «Bebe mais do que uma vez por semana». A quantidade do uso é indicada por uma das cinco respostas desde o «Não bebe» até «Bebe o suficiente para ficar bêbado». Finalmente, em relação à última semana, foram elaboradas duas questões: uma mais na qual é pedido que se assinale uma das possíveis cinco respostas («não bebi», «tomei uma ou duas bebidas» até «bebi mais do que cinco copos») e outra na qual se pretende que o adolescente avalie o seu próprio consumo («ligeiro», «moderado», etc). As respostas a estas questões foram posteriormente analisadas com base na classificação do comportamento de bebida proposta pelos mesmos autores – combinando a frequência, quantidade e resposta dos 7 dias fez-se uma medida do uso de álcool pelo que se pôde agrupar, de acordo com esta classificação, as respostas dos sujeitos em três categorias: baixo, moderado e alto. Assim, por exemplo, baixo consumidor beberia só em ocasiões especiais, tomaria usualmente uns goles e não teria consumido álcool na semana anterior. Por sua vez, o alto consumidor talvez bebesse mais do que uma vez por semana, usualmente beberia o suficiente para ficar bêbado ou alegre e na semana anterior teria bebido mais do que cinco bebidas.

- **Escala de Auto-estima de Rosenberg (1965)**. É uma escala que avalia explicitamente a auto-estima global e é baseada no modelo de Guttman. O recurso a esta escala deveu-se a dois motivos, nomeadamente:

- Ser uma escala utilizada por autores que estudaram eles próprios a relação entre consumo de álcool e auto-estima (Thompson,

1989; Eskilson, Wiley, Muehlbauer & Dodder, 1986)

- Ser uma escala que foi especificamente desenhada pelo autor para o uso com estudantes do ensino secundário.

A escala consiste em 10 itens dos quais cinco são formulados positivamente e os restantes cinco são formulados negativamente de forma a controlar a aquiescência. Os 10 itens da escala têm quatro respostas possíveis: *Concordo bastante* (4), *Concordo* (3), *Discordo* (2) e *Discordo bastante* (1). Depois das devidas inversões, a média dos 10 itens é a cotação da escala.

Esta escala foi pedida à Universidade de Washington, que a enviou, e foi traduzida para a Língua Portuguesa. A tradução envolveu três fases: (1) foi feita a tradução independente por psicólogos, professores de inglês e tradutores; (2) compilaram-se as diferenças existentes entre as diversas traduções; (3) foram discutidas a forma de resolver essas diferenças.

- **Inventário de Ansiedade Traço-Estado de Spielberger**. Este inventário foi desenvolvido para ser usada em estudantes do secundário, da universidade e em adultos. É constituído por duas partes, medindo duas dimensões de ansiedade: um como medida da ansiedade enquanto estado transitório e outro da ansiedade como um traço relativamente estável da personalidade (Spielberger, 1983). Cada uma das escalas consiste em 20 itens às quais os sujeitos respondem auto-avaliando-se numa escala de quatro pontos. Na escala de ansiedade-estado as categorias são as seguintes: (1) *nada*, (2) *um pouco*, (3) *moderadamente* e (4) *muito*. Na escala de Ansiedade-traço são, por sua vez: (1) *quase nunca*, (2) *às vezes*, (3) *frequentemente*, (4) *quase sempre*. Depois das inversões necessárias, a média dos 20 itens de cada escala oferece a cotação das mesmas.

- **Questionário de Expectativas face aos efeitos do álcool (Trindade, 1995)**. Este inclui 12 itens que descrevem possíveis expectativas associadas ao consumo de álcool. Sete destes itens são formulados positivamente e os restantes negativamente. As respostas aos itens são efectuadas mediante a indicação de uma pontuação numa escala de 10 pontos, em que (1) está associado a *nenhuma certeza* e (10) a *toda a certeza*.

QUADRO 2
Distribuição da amostra segundo o comportamento de bebida

	N	%
Frequência		
1. Não bebe	19	17.11
2. Ocasiões especiais	77	69.36
3. Algumas vezes por mês	9	8.10
4. Mais do que 1 vez por semana	5	4.50
Quantidade		
0. Não bebe	45	40.54
1. Alguns goles	19	17.11
2. 1 ou 2 bebidas	29	26.12
3. Suficiente para ficar alegre	13	11.71
4. Suficiente para ficar bêbado	4	3.60
Última Semana		
1. Não tomou	87	78.37
2. 1 ou 2 bebidas	18	16.21
3. 3 ou 4 bebidas	3	2.70
4. Mais do que 5 bebidas	2	1.80

teza. Estes itens são antecedidos pela frase: «Qual o grau de certeza que você tem de...».

2.4. Apresentação dos resultados

Comportamentos de consumo de álcool

Como se pode verificar através do Quadro 2, relativamente à *frequência*, de notar que 69,36% *bebe em ocasiões especiais* e quase 5% *bebe mais do que uma vez por semana*. Em relação à *quantidade* de álcool habitualmente ingerida, apesar de praticamente 41% *habitualmente não beber*, 12% *bebe o suficiente para ficar alegre*. Na questão referente à última semana, quase 80% da população respondeu não ter ingerido álcool.

De acordo com esta classificação, fez-se a repartição da população consumidora por dois níveis de consumo de álcool a que correspondem dois grupos de consumidores:

- **Nível 1**, que equivale a um consumo muito baixo de álcool e é constituído por 47 sujeitos;

- **Nível 2**, que equivale a um consumo importante de álcool e é constituído por 25 sujeitos (Quadro 3)

QUADRO 3
Classificação dos comportamentos de bebida em função dos níveis de consumo

Níveis de consumo	N	%
Nível 1	47	65.2778
Nível 2	25	34.7222
Total	71	100

- Relações entre consumo de álcool, auto-estima, ansiedade e expectativas face aos efeitos do álcool

Os resultados de inúmeros estudos indicam que o adolescente tem uma maior probabilidade de ser um consumidor excessivo de álcool se tiver uma baixa auto-estima e um nível de ansiedade elevado.

No nosso estudo verificou-se *uma correlação negativa entre auto-estima e consumo de álcool (-0.707)*, mas *não significativa* para um nível de significância inferior a 5% e um p = 0.463.

Da mesma forma, também não se verificou uma correlação significativa entre ansiedade e consumo de álcool (-0,0554 para ansiedade-traço e -0,158 para ansiedade-estado) para um nível de significância inferior a 5%.

Os resultados mais significativos que obtivemos foram aqueles respeitantes às expectativas face aos efeitos do álcool. Para um nível de significância de 5% verificou-se a existência de uma diferença significativa entre as médias dos dois grupos em cinco dos 12 itens que constituíam o questionário, nomeadamente nos itens relativos a: ser aceite, poder faltar às aulas, conseguir falar com mais facilidade, sentir-se mais independente, os pais zangarem-se caso bebam.

Relação entre Consumo de álcool, Sexo e Idade

Uma vez que segundo vários autores, as taxas de consumo variam em função de grupos sociais, nomeadamente em função do sexo e da idade (Muller, 1987; Globetti, 1977; Fréjaville, Davidson & Choquet, 1977; Kandel, 1983; Menke & Choquet, 1990) não descurámos estas variáveis e tentámos estudar como se relacionam com o consumo de álcool.

Assim, verificou-se uma correlação negativa significativa (-0,2773) para um nível de significância inferior a 5% e para um p = 0,003 entre sexo e consumo de álcool, aparecendo o consumo importante de álcool como um comportamento essencialmente masculino. No que respeita à idade também foram encontradas diferenças no consumo de álcool consoante os vários grupos etários, revelando um aumento evidente no consumo de álcool aos 16 anos, atingindo aos 18 anos o seu ponto mais elevado.

3. CONCLUSÕES

Tendo por objectivos a caracterização da situação sobre o comportamento de consumo de álcool numa amostra de adolescentes e o estudo da influência de determinadas variáveis que estudos precedentes têm demonstrado estar significativamente associadas a este comportamento, as conclusões a que chegámos foram as seguintes:

1. População que maioritariamente não consome álcool.

Já num estudo realizado por Plant, Bagnall, Foster e Sales (1990), em Inglaterra, a mais de 6.000 alunos do ensino secundário, se constatou que a maioria bebia apenas quantidades moderadas de álcool. Segundo os autores deste estudo, tal podia-se dever ao facto de ainda não ser um hábito adquirido e persistente. Os mesmos autores chamam, também, a atenção para o facto destes dados não significarem não haver problema de bebida e não existir abuso de álcool visto os adolescentes poderem apenas beber ocasionalmente, mas ao fazê-lo geralmente consomem grandes quantidades. De notar que no nosso estudo 12% dos sujeitos da nossa amostra bebe o suficiente para ficar alegre.

2. O uso de álcool varia significativamente consoante o sexo dos sujeitos, aparecendo o consumo importante como um comportamento essencialmente masculino.

3. O uso de álcool varia significativamente consoante os vários grupos etários estudados.

Quanto a este resultado é de realçar que a utilização imoderada de álcool parece seguir um padrão de desenvolvimento nas idades de 16-18 anos, constituindo os 16 anos a idade crítica de iniciação, o que está de acordo com outros estudos que sugerem que os jovens experimentam o álcool entre os 11 e os 16 anos e que o consumo é mais intenso aos 18 anos comparativamente com os 15 anos. Esta observação reveste-se de importância pois sugere que os esforços preventivos fariam sentido a partir de idades precoce.

4. Tanto a auto-estima como a ansiedade não se relacionam significativamente com o consumo de álcool nos adolescentes da nossa amostra.

Estes resultados não dão suporte a certas conclusões sustentadas por outros autores. No entanto, já num estudo feito por Eskilson (1983) não foi encontrada a relação entre auto-estima e consumo de álcool, tendo este autor sugerido que o uso de álcool pode aumentar o estatuto entre os pares, facilitando a integração no grupo e, logo, restaurando a auto-estima.

Também há que ter em conta que na literatura sobre o tema estas variáveis aparecem associadas

a um consumo excessivo de álcool, tendo na nossa amostra apenas sido identificados quatro sujeitos que exibiam um tal consumo.

5. Não há diferenças na maioria dos itens da escala de expectativas entre os dois grupos de consumidores de álcool. É um resultado concordante com outros estudos, uma vez que se supõe que as expectativas se desenvolvem independentemente da experiência pessoal mas são antes aprendidas através de estereótipos e crenças culturais.

6. No entanto, verificou-se uma relação significativa entre consumo de álcool e algumas expectativas face aos efeitos do álcool, nomeadamente: a expectativa de ser bem aceite pelos outros; de conseguir falar com maior facilidade; de se sentir mais independente; de poder faltar às aulas e de os pais se zangarem caso bebam.

Assim, os adolescentes com um consumo importante de álcool esperavam mais consequências positivas do acto de beber do que os adolescentes com um baixo consumo de álcool. De notar que estas consequências positivas estão relacionadas com um aumento específico na assertividade social, uma vez que podem ter a ver com a integração no grupo de pares. Os jovens como que esperam um certo efeito desinibidor que lhes possibilite serem melhor aceites e falarem com mais facilidade. Então, talvez os resultados encontrados relativamente à auto-estima não sejam assim tão reconfortantes como à primeira vista possam parecer. Isto é, aqueles que exibem um consumo importante de álcool podem ter desenvolvido uma aparente auto-estima exactamente por recorrerem ao álcool e por não encontrarem em si próprios os recursos necessários para lidarem com certas e determinadas situações. Neste caso, estaríamos perante um dado essencial de ser levado em conta pois se os efeitos esperados do álcool parecerem que se confirmam, os jovens tendem a manter o mesmo comportamento devido a esses mesmos efeitos. Então, um trabalho possível ao nível da prevenção pode ser o de ajudar os jovens a encontrarem alternativas ao álcool, tanto mais que os adolescentes que têm um baixo consumo de álcool dão maior importância a consequências negativas e esperam relativamente poucas consequências positivas caso bebam.

Ao revermos a literatura, deparamo-nos, por um lado, com um conjunto de investigações que analisam o comportamento de bebida no quadro do processo de socialização e, por outro lado, um outro grupo tem procurado definir algumas características psicológicas associadas a um consumo excessivo de álcool. No entanto, parece não se poder apontar quais as variáveis predictivas do consumo de álcool na adolescência, sejam elas sociais ou eminentemente psicológicas, devendo-se, antes, manter presente a ideia de que *uma conjugação de factores que afectam e são afectados por todos os outros é que podem estar associados a este comportamento*. Daí, talvez, a razão porque uns adolescentes bebem e outros não.

O nosso estudo, contudo, só teve em conta algumas variáveis psicológicas, tendo, mais uma vez sido reforçada a importância de *alargar esta análise a outras variáveis*, como as relacionadas com o *meio familiar* e com o *grupo de amigos*. De facto, os resultados deste trabalho parecem apontar para a existência de uma associação entre o prazer de estar em grupo e o consumo de álcool. Parece mesmo que se a integração num grupo for conseguida a auto-estima mantém-se elevada e a ansiedade em níveis baixos. Aponta-se, assim, para a necessidade em avaliar se existe a valorização dos pares que consomem álcool pois, como Thompson (1989) enfatizou, só neste caso é que se podem verificar mudanças na auto-estima.

Tendo em conta os resultados obtidos ao nível das expectativas, parece-nos que se justifica o aprofundamento do estudo neste âmbito (isto é, na avaliação de expectativas positivas e negativas associadas ao consumo de álcool). Julgamos que esta avaliação pode vir a complementar informações obtidas sobre o impacte deste ou de outro programa de prevenção.

Finalmente, parece importante *alargar a análise sobre a associação entre determinadas variáveis e diferentes comportamentos de consumo de álcool a outras variáveis* e não só aquelas que a literatura existente tem demonstrado exercer um efeito indiscutível no consumo de álcool na adolescência.

Resta referir que, apesar de nesta amostra apenas quatro sujeitos serem considerados como exibindo um comportamento excessivo de álcool, devemos manter presente o facto de que nem

todos os baixos consumidores permanecem eternamente baixos consumidores, assim como nem todos os que bebem excessivamente continuam inexoravelmente a beber excessivamente. São antes padrões comportamentais que são influenciados por diversos factores. A associação significativa entre determinadas variáveis e o consumo de álcool pode possibilitar a identificação do adolescente em alto risco por utilização de comportamentos de consumo excessivo permitindo, simultaneamente, estabelecer estratégias de prevenção e intervenção nestes comportamentos sintomáticos.

Finalmente, e para concluir, os resultados obtidos apontam para a *necessidade de promover o desenvolvimento psicológico através do reforço da autonomia, independência e competências sociais*. Parece, ainda, que estratégias *focadas na alteração de expectativas podem fornecer intervenções úteis*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baer, P. E., Garmezy, L. B., McLaughlin, R. J., Pokomy, A. et al. (1987). Stress, coping, family conflict and adolescent alcohol use. *Journal of Behavioral Medicine*, 10 (5), 449-466.
- Bandura (1986). *Social foundations of thought and action. A social cognitive theory*. New Jersey: Prentice-Hall, Inc.
- Beck, K. H., & Sommons, T. G. (1987). Adolescent gender differences in alcohol beliefs and behaviors. *Journal of Alcohol and Drug Education*, 33 (1), 31-44.
- Brown, S. A. (1985). Expectations versus background in the prediction of college drinking patterns. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 53 (1), 123-130.
- Brown, S. A., & Stetson, B. (1988). Coping with drinking pressures: adolescent versus parent perspectives. *Adolescence*, 23 (90), 112-120.
- Christiansen, B. A., Goldman, M., & Inn, A. (1982). Development of alcohol-related expectancies in adolescents: Separating pharmacological from social-learning influences. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 50 (3), 336-344.
- Demo, D. H. (1985). The measurement of self-esteem: Refining our methods. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48 (6), 1490-1502.
- Dielman, T. E., Shope, J. T., Butchart, A. T., Campanelli, P. C. et al. (1989). A covariance structure model test of antecedents of adolescent alcohol misuse and a prevention effort. *Journal of Drug Education*, 19 (4), 337-361.
- Eskilson, A., Wiley, M., Muehlbauer, G., & Dodder, L. (1986). Parental pressure, self-esteem and adolescent reported deviance: bending the twig too far. *Adolescence*, 21 (83), 327-334.
- Eysenck, M. W. (1992). *Anxiety: The cognitive perspective*. New York: Lawrence Erlbaum Associates.
- Fréjaville, J. P., Davidson, F., & Choquet, M. (1977). *Les jeunes et la drogue*. Paris: PUF.
- Globetti, G. (1977). Teenage drinking. In N. J. Estes & M. Heinemann (Eds.), *Alcoholism - Development, consequences and interventions* (pp. 162-173). Saint Louis: Mosby.
- Greenberg, J., Solomon, S., Pyszczynski, T., Rosenblatt, A., Burling, J., Lyon, D., Simon, L., & Pinel, E. (1992). Why do people need self-esteem? Converging evidence that self-esteem serves an anxiety-buffering function. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63 (6), 913-922.
- Hoge, D. R., & McCarthy, J. D. (1984). Influence of individual and group identity salience in the global self-esteem of youth. *Journal of Personality and Social Psychology*, 47 (2), 403-414.
- Jessor, R. (1986). Adolescent problem drinking: Psychosocial aspects and developmental outcomes. In R. K. Silbereisen, K. Eyferth, & G. Rudinger (Eds.), *Development as action in context* (pp. 241-264). Berlin: Springer-Verlag.
- Kalodner, C. R., Delucia, J. L., & Ursprung, A. W. (1989). An examination of the tension reduction hypothesis: the relationship between anxiety and alcohol in college students. *Addictive behavior*, 14 (6), 649-654.
- Kandel, D. (1983). Comportement des jeunes devant la drogue et l'alcool. *Psychiatrie de l'Enfant*, 26 (2), 565-629.
- Labouvie, E. W. (1986). The coping function of adolescent alcohol and drug use. In R. K. Silbereisen, K. Eyferth, & G. Rudinger (Eds.), *Development as action in context* (pp. 229-240). Berlin: Springer-Verlag.
- Lewis, J. A., Sperry, L., & Carloson, J. (1993). *A biopsychosocial approach to substance abuse. Health counselling*. California: Brooks/Cole Publishing Company.
- Lowe, G., Foxcroft, D. R., & Sibley, D. (1993). *Adolescents drinking and family life*. New York: Harwood Academic Publishers.
- Maney, D. W. (1990). Predicting university students' use of alcoholic beverages. *Journal of College Student Development*, 31 (1), 23-32.
- Menke, H., & Choquet, M. (1990). Clinique et épidémiologie de l'alcoolisation juvénile. *Adolescence*, 8 (1), 87-102.
- Muller, R. (1987). Alcool, tabac et drogue chez le jeune adolescent. In M. Manciaux, S. Lebovici, & O. Jeanneret (Eds.), *L'enfant et sa santé - aspects épidémiologiques, biologiques, psychologiques et sociaux* (pp. 887-895). Paris: Doin.

- Negreiros, J. C. (1983). O consumo de drogas na adolescência: Considerações sobre a sua etiologia e prevenção. *Jornal de Psicologia*, 2 (5), 7-8.
- Petersen, A. C., & Spiga, R. (1982). Adolescence and stress. In Goldberger & Breznitz (Eds.), *Handbook of stress: Theoretical and clinical aspects* (pp. 515-526). New York: Free Press.
- Peyser, P. (1982). Stress and alcohol. In Goldberger & Breznitz (Eds.), *Handbook of stress: Theoretical and clinical aspects* (pp. 585-595). New York: Free Press.
- Pihl, R. O., Peterson, J., & Finn (1990). Inherited predisposition to alcoholism: characteristics of sons of male alcoholics. *Journal of Abnormal Psychology*, 99 (3), 291-301.
- Plant, M., Bagnall, G., Foster, J., & Sales, J. (1990). Young people and drinking: Results of an English National Survey. *Alcohol and Alcoholism*, 25 (6), 685-690.
- Rohsenow, D. J. (1983). Drinking habits and expectancies about alcohol's effects for self versus others. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 51 (5), 752-756.
- Sarafino, E. (1990). *Health psychology*. New York: John Wiley and Sons.
- Sharp, D., & Lowe, G. (1989). Adolescents and alcohol: a review of the recent British research. *Journal of Adolescence*, 12 (3), 295-307.
- Spielberger, C. D., et al. (1983). *Manual for the State-Trait Anxiety Inventory (Form Y)*. Palo Alto: Consulting Psychologists Press.
- Thompson, K. M. (1989). Effects of early alcohol use on adolescents' relations with peers and self-esteem: patterns over time. *Adolescence*, 24 (96), 837-849.
- Tschann, J. M., Adler, N. E., Irwin, C. E., Millstein, S., Turner, R., & Kegeles, S. (1994). Initiation of substance use in early adolescence: The roles of pubertal timing and emotional distress. *Health Psychology*, 13 (4), 326-333.

RESUMO

Os autores apresentam os resultados da primeira fase de um estudo sobre a relação dos comportamentos de consumo de álcool na adolescência com a auto-estima, a ansiedade e as expectativas face aos efeitos do álcool, realizado no âmbito das actividades de educação para a saúde e prevenção do Centro de Saúde da Parede.

Palavras-chave: Consumo de álcool na adolescência, auto-estima, ansiedade, expectativas face aos efeitos do álcool.

ABSTRACT

The purpose of this study was to determine how teenage drinking is related to self-esteem, anxiety and alcohol-related expectancies. This research is integrated in the health education activities at 'Centro de Saúde da Parede'

Key words: Teenage drinking, self-esteem, anxiety, alcohol-related expectancies.